

Dormitórios: primeiras notas sobre reflexividade e dialogismo na produção de um filme-ensaio sobre o luto¹

Henrique Denis Lucas²
Universidade da Beira Interior – UBI

RESUMO

Em uma perspectiva terapêutica, a arte e a criatividade auxiliam o enlutado a passar pelo período de processamento da perda, ajudando-o em sua organização interna. Pensar a morte através do Cinema e encontrar suas relações dialógicas com a sociedade pode ser um caminho para uma melhor compreensão dos processos de luto. Circunscrito no âmbito investigativo da tese *Dormitórios: reflexividade e dialogismo na criação de um filme-ensaio sobre o luto*, este trabalho propõe-se a fazer uma primeira abordagem dos processos criativos decorrentes do movimento de reflexividade, durante a produção de um filme-ensaio sobre morte e luto.

PALAVRAS-CHAVE: Filme-ensaio, Morte, Processo criativo, Reflexividade e Dialogismo.

INTRODUÇÃO

Vinculada à tese de natureza teórico-prática *Dormitórios: reflexividade e dialogismo na criação de um filme-ensaio sobre o luto* – que está em desenvolvimento e que tem o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia de Portugal – este trabalho propõe-se a fazer um relato de produção da primeira instalação artística audiovisual neste âmbito investigativo. Tal tese aborda os processos criativos na produção de um filme-ensaio sobre os lutos vividos pelo autor, a partir do seu movimento de autorreflexividade. Já o filme-ensaio *Dormitórios*, é uma obra multifacetada que parte de experiências de perda para problematizar o estatuto da arte na/como vivência do luto, construindo um universo narrativo em formato ensaístico que visa gerar espaços dialógicos diversos, internos ao próprio filme e em sua relação com seus potenciais espectadores – um dispositivo reflexivo-dialógico. Além disso, este artigo é fruto da comunicação feita por este autor durante a 5ª edição das Jornadas de Investigação em Artes do curso de Doutorado em Média Artes³ (5º iArtes) da Universidade da Beira Interior, que transcorreu entre os dias 18 e 19 de maio de 2023, em Covilhã, Portugal.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT01SU - Audiovisualidades: comunicação em imaginários sociais, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 3 a 5 de julho de 2025.

² Doutorando em Média Artes na Universidade da Beira Interior e Bolseiro de Doutorado da Fundação para Ciência e Tecnologia de Portugal (FCT), email: ricoilustra@gmail.com.

³ Acessado no dia 10/05/2025, em: <https://iartes.ubi.pt/jornadas/2023/>

SOBRE LUTOS E CRIATIVIDADE

Primordialmente, consideramos Luto como a dor ou sofrimento em consequência da perda de algo ou alguém em que se investia energia e anseios, e em que se havia construído um forte vínculo afetivo (AKHTAR; KANWAL, 2017). Apesar de haver vários tipos de luto (por morte, por rompimento de laços, por decepção das expectativas ou insatisfação nas empreitadas e objetivos de vida, entre outros), parece haver na língua portuguesa um senso comum em sua semântica. Luto é a tomada de consciência de uma perda. E todas as perdas geram dolorosas repercussões e desafios para nossas vidas, alterando nossos estados de espírito, afetos e percepções sobre o mundo à nossa volta.

Enquanto uma morte repentina ou trágica pode gerar fortes traumas nos que ficam, há também aqueles que recebem um período de preparação para uma partida: o chamado luto antecipatório. A sensibilização sobre uma possível morte pode acontecer previamente ao real fato, ainda em vida, geralmente quando há uma enfermidade de improvável cura. Isto acaba por deflagrar o processo de luto em familiares e amigos de acordo com o prenúncio do possível falecimento. Worden (2013) sinaliza que este tipo de luto “é considerado tanto para quem permanece e está prestes a perder um ente querido, como para aquele que irá partir, perdendo todos os vínculos estabelecidos em vida, de uma só vez” (p.146).

Mallnon (2008) indica que trabalhos criativos são utilizados à serviço do processo de luto, mas que também são considerados como resultado de um luto bem-sucedido ou do esforço para sublimação da dor. Inclusive, Judy Weiser (2016) comenta que, ao haver o desencadeamento de um luto antecipado, cria-se um espaço para o registro planejado de memórias, como por exemplo os ensaios fotográficos de despedida: “Planejar ativamente uma sessão fotográfica com as pessoas amadas por morrer pode ser muito benéfico na preparação e partilha do luto antecipatório – não apenas para os sobreviventes ‘deixados para trás’, mas também para o moribundo”⁴ (p.264, em tradução nossa).

FILME-ENSAIO, REFLEXIVIDADE E DIALOGISMO

Ao ponderar os esforços criativos e reflexivos que diversos autores dedicaram às suas obras filme-ensaísticas, consideramos ser possível imprimir reflexividade, memória

⁴ “Actively planning photos together with loved ones about to die can be very helpful in preparing for, and sharing, anticipatory grief—not only for the survivors being ‘left behind’ but also for the dying person” (Weiser, p.264).

e imaginação em uma obra que conformasse espaços dialógicos entre autor, espectador e sociedade. O luto é uma temática sensível e intimista, que articula diversas questões éticas e morais, como o decoro, as ritualísticas culturais, entre outras. Nos âmbitos social e pessoal, o compartilhamento de processos de lutos particulares geralmente encontra identificação nos espectadores por ser um assunto intrínseco à subjetividade humana. Dessa forma, criações em primeira pessoa geralmente trazem potencial de autenticidade e tocam em possíveis pontos de uma dialógica com o espectador.

Analogamente, por seu caráter de abertura, o filme-ensaio provê um espaço para criatividade e reflexividade. O tom ensaístico, confessional, fragmentado e lúdico serve como um meio para elucubrações filosóficas e subjetivas, questionando e/ou redefinindo os formatos fílmicos já estabilizados (CORRIGAN, 2011). Aqui, a câmera se torna caneta. Experiências e visão de mundo, o substrato narrativo. O filme-ensaio, obra. O cineasta, autor.

A reflexividade, proposta por Bourdieu & Wacquant (1992), eleva-se como ferramenta antinarcisística para suprir uma demanda de distanciamento crítico, oferecendo ao filme-ensaio consciência metodológica e monitoramento de ações próprias (PIOVANI; MUNIZ TERRA, 2018). O autor, ao descrever realidades e/ou subjetividades, torna-se parte das mesmas e, conseqüentemente, objeto de análise crítica. Faz-se necessário tomar conhecimento de suas próprias limitações e preconceitos, para evitar problemas de acesso e suas reatividades. Dessa maneira, o trabalho sobre si mesmo passa a ser diário, com ferramentas que nos possibilitem esse registro de experiências e sua eventual revisão, em uma crítica afastada, tal qual o trabalho com diários de campo e gravações audiofônicas muito utilizadas em estudos etnográficos.

O diálogo com o outro é, definitivamente, uma alternativa e complemento ao filme-ensaio que possa se render aos riscos de uma produção autocentrada, egóica. Assim, propomos um cinema dialógico, em sua expressão realmente Bakhtiniana (BAKHTIN, 1981; FIORIN, 2011). Um cinema que extrapole a conexão física dada apenas durante a assistência e o contato do espectador com a tela. Um cinema em que o diálogo persista posteriormente ao encontro de duas vozes, numa dialogização interna individual. Um cinema em que as palavras do autor e do espectador dialoguem e sejam transformadas, de maneira participativa. Nesse caso, o cinema não “morre” com o fim da sessão. Ele “ganha nova vida” nos novos sentidos criados.

A INSTALAÇÃO ARTÍSTICA

Considerando este trabalho como parte dos esforços investigativos para a escrita de uma tese e produção de um filme-ensaio sobre o luto, percebemos que havia espaço para experimentação audiovisual e artística no 5º iArtes. Os primeiros impulsos certamente foram os mais formais – a proposta de exercício artístico para a conferência, os primeiros passos teórico-práticos da tese, as experimentações audiovisuais propostas para a investigação, entre outros. No entanto, as circunstâncias pessoais também pareciam se adequar plenamente aos objetivos do plano de trabalhos da tese.

Enquanto estava no Brasil, fazendo as primeiras filmagens para o filme *Dormitórios*, Dona Nancy, a avó materna deste autor, começou a dar sinais de definhamento. Com a família adentrando em um processo coletivo de luto antecipatório, surgiu a ideia de organizar um ensaio fotográfico lúdico, no qual Dona Nancy posaria para uma “foto oficial de astronauta”, uma prática peculiar prévia às missões espaciais. Henrique sabia que, ao retornar à Portugal para prosseguir seus estudos, muito provavelmente não voltaria a ver sua avó. A sessão foi feita e Henrique regressou a terras lusitanas, tendo a notícia do falecimento de sua avó apenas algumas semanas após a sua viagem. Então, a instalação audiovisual surgiu como uma espécie de homenagem à Nancy, considerando as suas últimas vivências e a sua sessão fotográfica de despedida, atividades documentadas para posterior inserção no filme-ensaio *Dormitórios*.

Na sala da instalação havia uma televisão fazendo a projeção da primeira cápsula audiovisual “Projeto Dormitórios: Cápsula 1- Astronautas”. Instruções eram apresentadas nos créditos do filme, da mesma forma em que se encontravam espalhadas por toda a sala. Após a assistência, o espectador teria à sua disposição um conjunto de materiais de desenho, colagem e recorte, para fazer uso livre em dois capacetes espaciais feitos de papel *machê*, colocados à disposição sobre módulos de madeira. A sugestão inicial era que os espectadores pudessem inspirar-se no filme e escrever livremente nos capacetes. Após escreverem suas mensagens, fossem elas quais fossem, sugeríamos que os assistentes pudessem tirar uma foto ao lado de um pôster do planeta Terra e enviá-la para as redes sociais do Projeto Dormitórios⁵, de certa forma percorrendo o trajeto empírico feito pela Dona Nancy durante sua sessão fotográfica de despedida, além de sensibilizá-los de que todos nós trazemos conosco a mesma condição humana, a nossa possível e

⁵ O e-mail projetodormitorios@gmail.com.

eminente finitude. Após várias semanas de abertura da instalação, ambos os capacetes, surpreendentemente, haviam sido tomados por mensagens criativas das mais variadas, em línguas e linguagens diferentes. Além disso, recebemos inúmeras fotos de assistentes que se comoveram ao entrarem em contato com o trabalho artístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma primeira instância, cremos ter encontrado um formato de espaço interativo e dialógico, através da instalação audiovisual, que possibilita uma troca de informações interessante entre produtor/produção e o receptor/espectador. Para o prosseguimento da pesquisa da tese, cremos ser importante explorar mais a fundo as possibilidades de espaços como esse, que criam sinergia dialógica entre as vivências do autor e os relatos de outras pessoas enlutadas ou que já perderam alguém. Além disso, há um imenso potencial de investigação ao vincular espaços artísticos aos espaços terapêuticos de grupos de apoio ao luto, pois essa troca específica e especialmente direcionada à temática abordada pode gerar um sistema de retroalimentação e compartilhamento de experiências cada vez mais qualificado. Em uma perspectiva teórica, acreditamos que a interação entre produtor, obra e seu receptor, baseada em um trabalho artístico, pode ser um esforço inicial para um viés alternativo de estudo de recepção midiática, mais vinculado ao engajamento emocional e participativo imediato que a relação entre obra e receptor pode gerar (JACKS; LUCAS, 2019). Prova disso foi a grande quantidade de mensagens afetivas e emocionais escritas nos capacetes de papel. Os elmos terminaram por converter-se em uma espécie de “totens de transferência emocional”, pois funcionaram como artefatos para interação e partilha de informações pessoais, mensagens escritas para entes queridos falecidos, desenhos com alusão à cura emocional, colagem de adesivos religiosos e um conjunto de outras possibilidades artísticas que demonstraram ser potenciais dados de coleta relevantes para esta pesquisa.

Intitulamos nossa pesquisa como *Dormitórios* por se tratar de um lugar de convergência de nossas experiências mais íntimas, sejam felizes ou tristes, um lugar de conforto para a dor e recordação dos momentos de alegria. É no quarto que acessamos nossas memórias afetivas em suas formas mais sinestésicas e choramos – ou rimos – com o luto em processamento. Penso que é exercício cidadão ter a possibilidade de promover e contribuir para o debate sobre o luto, em qualquer esfera da sociedade, ajudando a

desmistificar tal temática, tão arraigada em nossa cultura ocidental. Ao tentar compreender a relação entre cinema e morte, questões perspicazes nos surgem: Qual o lugar da arte no luto? Qual é o papel do luto na arte? O cinema poderia ser considerado uma ferramenta eficaz de educação para a morte? Consequentemente, acabamos por entender que nossa proposta de investigação se encontra numa mudança de perspectiva quanto ao olhar sobre o luto, focando-nos em uma transformação de sentidos acerca da visão extremamente pesados e negativa das perdas de entes queridos. Pretendemos, ao conceber um aparato reflexivo-dialógico, soerguer o luto a um status de processo criativo tão vivo, vívido e vivaz quanto qualquer outro, desmistificando de maneira positiva a sua condição de tabu. Cremos que pensar a morte através do cinema e encontrar suas relações dialógicas com a sociedade pode ser um caminho para que rumemos a uma noção mais popularizada de *Ars Moriendi* (GROSVENOR, 2013; KOVÁCS, 2012) ou seja, uma arte de morrer bem – e, sem medo desta crença limitante, aprendermos a VIVER melhor.

REFERÊNCIAS

- AKHTAR, S.; KANWAL, G. **Bereavement**: Personal experiences and clinical reflections. Londres: Karnac, 2017.
- BAKHTIN, M. M. **The dialogic imagination**: four essays by M.M Bakhtin. Austin: University of Texas, 1981.
- BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. **An invitation to reflexive Sociology**. Cambridge: Polity, 1992.
- CORRIGAN, T. **The essay film**: from Montaigne, after Marker. Oxford: Oxford Press, 2011.
- FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2011.
- GROSVENOR. **Essay no. 9**: the art of dying well. Edimburgo: Doctrine Committee of the Scottish Episcopal Church, 2013.
- JACKS, N.; LUCAS, H. **Para pensar as audiências de cinema**: anotações iniciais. Anais do 28º Encontro Anual da Compós. <https://proceedings.science/compos-2019/papers/para-pensar-as-audiencias-de-cinema--anotacoes-iniciais>, 2019.
- KOVÁCS, M. J. **Educação para a morte**: temas e reflexões. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.
- MALLON, B. **Dying, Death and grief**: Working with adult bereavement. Londres: Sage, 2008.
- PIOVANI, J. I.; MUNIZ TERRA, L. **¿Condenados a la reflexividad?**: apuntes para repensar el proceso de investigación social. Buenos Aires: CLACSO, 2018.
- WEISER, J. **Photographing Relationships for Remembering**. In Neimeyer, R. A. (2016). **Techniques of grief therapy**: assessment and intervention. Oxford: Routledge, 2016.
- WORDEN, W. J. **Aconselhamento do luto e terapia do luto**: um manual para profissionais da saúde mental. São Paulo: GEN/Roca, 2013.